

JUVENTUDE E DROGAS: *limites da associação*

Marlene Barreto S. Miranda*

Introdução

O presente artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos relacionados à problemática das drogas através de uma postura compreensiva que relativize “as demonizações radicais das substâncias” (MINAYO; DESLANDES, 1998, p. 38). Não se discute “drogas” em termos de seus efeitos sobre a saúde, tema que conta com relativa literatura especializada, respaldando diversas perspectivas e que pediria aporte médico-científico relacionado a diferentes tipos de substâncias. A intenção é explorar o discurso sobre drogas hoje e a confusão presente na abordagem entre juventude e drogas – que termina por obscurecer sentidos, bem como viabiliza a possibilidade de o lugar das drogas ser um construto social destes tempos.

O tema drogas é um dos mais presentes nos meios de comunicações, infelizmente nem sempre tratado com a devida sobriedade, nem com o embasamento científico, sociológico e cultural desejáveis.

É importante que, inicialmente, se conceitue o principal termo utilizado nesse artigo, já que, quando tratado pela mídia e presente no nosso dia a dia, é mal definido ou pouco claro. Assim, droga, segundo Milby (1988, p. 87), é toda substância, natural ou sintética, que, ao ser consumida, atua sobre o sistema nervoso central (cérebro), modificando, de algum modo, nosso psiquismo. Estão incluídas aí



todas as substâncias legais ou lícitas (álcool, tabaco, medicamentos, café e chá) e todas as substâncias ilegais ou ilícitas (maconha, cocaína, heroína, crack, inalantes, alucinógenos).

Em nossa sociedade o termo *droga* deixou de ter uma significação puramente científica, aparecendo geralmente relacionado às substâncias ilegais ou ilícitas e associado a comportamentos transgressores, como coloca Nery Filho e Jacobina (1999, p. 35), o que leva a distinguir dois níveis de compreensão distintos: o primeiro que define *droga* segundo critérios técnico-científicos precisos e o segundo, mais largo, menos preciso, que considera *droga* em função de certas características ideológicas, às vezes em completo desacordo com a própria realidade sociocultural.

Nesse artigo, a palavra *droga* terá como sinônimo o termo *substância psicoativa* e será usada exclusivamente no sentido descrito no primeiro nível acima.

Ao percorrermos a história da civilização, encontramos a presença das substâncias psicoativas desde os primórdios da humanidade, inseridas nos mais diversos contextos: social, econômico, medicinal, religioso, ritual, cultural, psicológico, estético, militar e o da busca do prazer.

Desvelando conceitos: a questão das substâncias psicoativas

A expressão *substância psicoativa* foi proposta pela Organização Mundial de Saúde – OMS, para substituir o termo *droga*, geralmente de conotação-pejorativa, englobando toda substância, natural ou sintética que, ao ser consumida, altera uma ou mais funções do organismo.



Ao percorrermos a história da civilização, encontramos a presença das substâncias psicoativas desde os primórdios da humanidade, inseridas nos mais diversos contextos: social, econômico, medicinal, religioso, ritual, cultural, psicológico, estético, militar e o da busca do prazer.

Segundo Baptista (2003, p. 25), já em 1928 um renomado toxicologista francês, Ludwig Lewin, escrevia que, à exceção dos alimentos, não existem sobre a Terra substâncias que tenham estado tão intimamente ligadas à vida dos povos, em todos os países, em todos os tempos, como as substâncias que modificam a percepção humana.

Para afirmar a antiguidade do convívio do ser humano com as substâncias, Bucher (1992, p. 275) aponta inclusive teorias arqueológicas, pretendendo demonstrar a presença de bebidas fermentadas na pré-história, bem como na civilização egípcia em que os mais antigos documentos da civilização egípcia descrevem o uso do vinho e da cerveja. A literatura científica dá conta de que o *opium* já era conhecido mais de cinco mil anos antes de Cristo e relacionado com a alegria e divertimento entre os sumérios. Os egípcios, por sua vez, conheciam o cânhamo (maconha) e outras substâncias com propriedades narcóticas e tóxicas.

Diferente dos contextos citados (“anos rebeldes”, ampliação da percepção, usos ritualísticos, experiências místicas, busca do prazer), a realidade atual tem outras motivações para o consumo de substâncias psicoativas e formas próprias de normatizá-la, domesticá-la ou reprimi-la.

Falar sobre drogas virou um modismo, tanto por parte das autoridades que têm o dever de estabelecer



A realidade atual tem outras motivações para o consumo de substâncias psicoativas e formas próprias de normatizá-la, domesticá-la ou reprimi-la.

programas para repressão do tráfico de substâncias psicoativas ilícitas, prevenir o uso abusivo de SPA (Substâncias Psicoativas) lícitas e também ilícitas e propiciar tratamentos de usuários dependentes, quanto para a população em geral, que possui um conhecimento recheado de estereótipos e preconceitos sobre as SPAs.

O enfoque repressivo é o mais presente na sociedade, atendo-se exclusivamente ao produto “drogas”, considerando como único fator responsável pelo alastramento do consumo e das toxicomanias. No entanto, não se torna toxicômano quem o quer, há um processo complexo em que intervêm, além da substância psicoativa, o contexto sociocultural e econômico, com suas pressões, condicionamentos múltiplos e a personalidade do usuário.

Como afirma Olivenstein (1983, p. 16): “[...] a toxicomania é o encontro de uma pessoa com um produto psicoativo num determinado momento sócio-cultural”. De uma forma mais ampliada, o momento sociocultural é representado pela cultura e condições do país ou região; numa visão mais

específica, essas condições sociais de consumo são as circunstâncias mais restritas em que o consumo se processa: a cidade, o bairro, a rua, o grupo. Com relação à personalidade do usuário, dela fazem parte, as motivações pessoais, conscientes e inconscientes. Somente em casos de uma junção desfavorável desses três fatores da “equação” é que se chega a estados de dependência – o que significa que não é todo consumo que a provoca, pois existem diferentes padrões de consumo e consumidores (experimental ocasional e regular). É necessário perceber esses aspectos para compreender as particularidades do consumo e do consumidor de substâncias psicoativas, conforme enfatiza Bucher:

O maior erro, tanto por parte das autoridades quanto da população no conjunto, seria tornar-se cúmplice de tais dramatizações excessivas e inverídicas. O célebre “combate às drogas” não passa de uma fantasia, quando pretende erradicar as substâncias psicoativas da vida social, como se elas fossem algo ocasional e supérfluo, um mal acrescentado por fora e não inerente



à sociedade. Tratadas desta forma, as drogas transformam-se em um mito carregando uma série de não-ditos – todo mito tem uma função social, seja tão somente aquela de bode expiatório. Responsabilizadas pela maioria dos males que assolam a juventude ou a sociedade como um todo, elas são então apresentadas como típico inimigo externo ameaçando o equilíbrio e a harmonia de inocentes populações. (BUCHER, 1992, p. 3).

Para Castro e Abramovay (2002, p. 31), as representações englobam tanto as experiências quanto o sentido que os atores atribuem a elas e expressam através de seu discurso. Portanto, a relação entre experiência vivida e construção social significa a reinterpretação discursiva dos diferentes atores sociais sobre a sua realidade. A realidade neste contexto se reapresenta vestida de símbolos, imagens e palavras.

As percepções/representações são um excelente teste projetivo do sistema de valores e aspirações de uma

sociedade. Para que se possa entender a complexidade da sociedade, deve-se considerar que as ideias e os valores podem ser transformados por meio das representações individuais e coletivas, compondo um sistema de múltiplos níveis. Entrelaçadas às representações individuais, relacionadas à biografia de cada ator social, existem também as representações coletivas, que são expressas através da linguagem, entre outros meios circulando nas mais diversas camadas da sociedade.

Na relação entre materialidades de vida, realidades e percepções/representações, aquelas se apresentam aos atores por mediações, valores e concepções socialmente construídas. Segundo Castro e Abramovay (2002, p. 32), “Para identificar as representações culturais utilizadas por determinadas pessoas, devemos nos voltar para o conhecimento e para o discurso que essas pessoas empregam para interpretar e objetivar suas vidas”.

Assim, a percepção/representação que a maioria da população tem acerca das substâncias psicoativas é muito diferente do que efetivamente elas significam. Segundo Nery Filho (1993, p. 28), inúmeras ideias equivocadas estão presentes na nossa sociedade, por exemplo: “é possível ter uma sociedade sem drogas”; “o mal está nas substâncias ilícitas (maconha, cocaína, ácidos, etc.) e não nas ilícitas (álcool, tabaco, medicamentos)”; “a maconha é a porta de entrada para uso de outras substâncias (escalada)”, há um forte maniqueísmo expressando que “quem usa drogas é bandido, louco, desajustado”; nas campanhas de prevenção, utilizam-se chavões apelativos – “droga, tô fora”, “não quero droga nenhuma” – como se o produto fosse o único responsável pelo aumento do consumo das substâncias psicoativas.

Além de dar uma maior ênfase ao produto, deixando de lado o indivíduo que consome, a associação do uso de substâncias psicoativas à violência é algo fortemente representado na sociedade. O consumo de drogas ilícitas, assim como de bebidas, pode ser visto como um coadjuvante deflagrador de diversas formas de violência.

Contudo, muitos desses discursos não se apoiam, necessariamente, em fatos presenciados de agressões por usuários. Também são ambíguas as referências que estabelecem nexos entre violência contra terceiros e uso de drogas. Nota-se certa transferência de medos e inseguranças generalizados nesses tempos, quando o não controlado, “o estranho” – como as drogas (no caso do uso) – seria considerado a principal causa da insegurança e da violência.

Hopenhayn (2002), refletindo sobre esses tempos com foco na América Latina, se refere a “vulnerabilidades cruzadas”: quando se conjugam exclusões relacionadas à cidadania, ao emprego e ao acesso a serviços sociais de qualidade, em um movimento que, paradoxalmente, traz o aumento do reconhecimento de direitos de identidades específicas, como a dos negros, das mulheres e dos jovens. Hopenhayn (2002) também se refere a assimetrias, que se manifestam em um imaginário em que convivem, contraditoriamente, o apelo ao consumo, de orientação hedonista, e a falta de bases materiais para satisfazer o sugerido e estimulado por uma cultura de eterno presente. Fantasmas, medos e frustrações se realimentariam, estimulando, inclusive, a eleição de alguns temas como prioridade tanto para as políticas sociais como para as notícias.

Agência Brasil



Presidente Lula fala durante a cerimônia de abertura da 12ª Semana Nacional sobre Drogas



O consumo de substâncias psicoativas, para os jovens, não é um fenômeno irresponsável, como a sociedade costuma alardear, e muito menos um fenômeno simples; é uma situação que envolve aspectos psicológicos e sociais bem definidos e de grande importância.

Maconha



LSD



Cocaína



Haxixe



Ketamina
(Special K)



Heroína



Juventude e drogas – paradigmas da modernidade

O consumo de substâncias psicoativas, para os jovens, não é um fenômeno irresponsável, como a sociedade costuma alardear, e muito menos um fenômeno simples; é uma situação que envolve aspectos psicológicos e sociais bem definidos e de grande importância.

Como se sabe, a adolescência é um período crítico, tanto para a criança que se torna adulta quanto para a família que insiste em manter o filho na condição de criança. Durante a passagem da infância para a vida adulta, muitos rompimentos são necessários. O jovem deve ajustar sua 'economia psíquica' contabilizando as 'perdas e ganhos'. Fala-se em um 'luto' pela infância perdida e na angústia diante das incertezas do futuro. Tudo isso gera sofrimento e conduz o jovem à busca de alternativas através dos chamados *ritos de passagem*, isto é, condutas de prova, transgressões e oposição à lei, expondo-se a riscos, buscando controlar a ansiedade e afirmar-se diante de todos. É um sofrimento que acaba por ser potencializado, quando se confronta com conceitos de adolescência que, como lembra Maria Rita Kehl (2004), podem ser muito elásticos, desde a implantação da modernidade e da industrialização, havendo até quem chame de adolescente alguém já com 20 anos. Para a psicanalista, "A adolescência na modernidade tem o sentido de uma moratória, período dilatado de espera vivido pelos que já não são crianças, mas ainda não se incorporaram à vida adulta." (KEHL, 2004, p. 91).

O primeiro contato com as drogas, pelo jovem, muitas vezes representa uma conduta de desafio associada à busca de "alívio" diante das rápidas e angustiantes mudanças biológicas

Projeto do fotógrafo iraniano Ashkan Sahihi registra pessoas sob o efeito de diferentes drogas. Veja Drug Series em <http://www.ashkansahihi.com/archive/>



e psíquicas. O desafio da transgressão às normas estabelecidas pelo mundo dos adultos, a curiosidade pelo novo e pelo proibido, a pressão de seu grupo para determinados comportamentos são alguns dos fenômenos típicos da adolescência que podem levar à primeira experiência com as drogas lícitas e/ou ilícitas.

Somem-se a estas circunstâncias de mudanças pessoais, as novas características da modernidade, tais como:

O aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e, mais recentemente, a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver cada vez mais tempo na condição de 'adolescente', dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino. (KEHL, 2004, p. 91).

O cenário apresentado é o de uma conjuntura bastante difícil para o adolescente e sua alongada adolescência, pois

[...] o adolescente é, tradicionalmente, um desafiador da Lei. Só que ele precisa que a Lei se mantenha, tanto para dar sentido à rebeldia que reintroduz, confusamente, moções de seu desejo na relação com o Outro quanto para barrar os excessos que ele *quer e não quer* cometer. Em outras palavras, ele precisa da Lei para sustentar seu desejo [...] (KEHL, 2004, p. 98).

Mas um jovem que ora é aceito, e nomeado até, como adolescente, mas, quase simultaneamente se vê cobrado com se adulto fosse – e deveria ser – pode se perceber diante de um impasse que, de tão complexo, venha a lhe parecer intransponível, configurando-se a necessidade de fuga que pode ser preenchida com o uso de SPA.

Não é difícil perceber que o jovem ou adolescente de hoje, que “[...]

As possibilidades de acesso dos adolescentes às drogas lícitas e ilícitas são uma realidade presente em todos os segmentos da nossa sociedade, independentemente da classe a que pertençam.

desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades.” (KEHL, 2004, p. 93), sofre pressão e indefinição de ordem bem maior e mais complexa que há algumas décadas, ainda mais diante da voracidade da economia capitalista que o persegue como um consumidor em potencial. (KEHL, 2004).

Numa pesquisa sobre o “Consumo de Drogas Lícitas e Ilícitas por Estudantes de Primeiro e Segundo Grau de Escolas Públicas do Rio de Janeiro”, realizada de 1995 a 1997, por intermédio do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEPAD/UERJ), foram entrevistados 3.139 estudantes entre 10 e 20 anos. Os resultados mostraram que: as três primeiras drogas mais consumidas pelos jovens são álcool, tabaco e inalantes-solventes (éter, cola de sapateiro, benzina etc.), sendo que o percentual de uso do álcool é maior do que os de todas as outras drogas somados. As drogas lícitas (álcool, tabaco e tranquilizantes) são experimentadas mais precocemente que aquelas tidas como ilícitas (maconha e cocaína). Existe uma diferença significativa entre os percentuais relativos à experimentação e aqueles que se referem ao uso recente das drogas. Essa mesma pesquisa revelou que a idade média da primeira experiência com as drogas é entre 12 e 13 anos.

Isso significa a entrada do indivíduo numa *nova realidade*, com a qual ele vai se relacionar de forma particular e que lhe permitirá reconhecer-se enquanto sujeito. É nessa tentativa que o indivíduo se permi-

te *experimental* diversas situações, abstraído dessas experiências, para si, um *novo sentido* para a sua vida, redefinindo sentimentos e valores. É claro que essa “*nova consciência de si*” traz consigo uma série de experiências primeiras que, consciente e/ou inconscientemente, marcaram o vivido na infância desse indivíduo. E é esse *novo sujeito* que, dentro do contexto em que vive, assumirá *novas formas* de se posicionar diante da vida e de responsabilizar-se por si mesmo.

Segundo Jacobina e Nery Filho, felizmente, na maioria dos casos, à medida que o jovem vai acumulando experiência e se adaptando à vida de jovem adulto, as condutas de risco, incluindo as substâncias psicoativas, vão perdendo força e interesse. (JACOBINA; NERY FILHO, 1999, p. 86-87).

É importante considerar, nesse contexto, que as possibilidades de acesso dos adolescentes às drogas lícitas e ilícitas são uma realidade presente em todos os segmentos da nossa sociedade, independentemente da classe a que pertençam.

Maria Rita Kehl traz uma reflexão pertinente, especialmente se considerarmos o poder da mídia e a condição de mercadoria que as SPA, lícitas e ilícitas, de muito tempo já adquiriram, no mundo capitalizado. Ela lembra que “A adolescência é o período da formação de turmas, grupos, bandos, gangues [...]” (KEHL, 2004, p. 111), daí porque

Os jovens também inventam seus próprios ritos. Penso que o consumo de drogas leves como a maconha ou a cerveja funciona como prova ou desafio para decidir a entrada de novatos



em certos grupos, estabelecendo a linha não só entre os caretas e os entendidos, mas entre os que são vistos como ainda crianças e os que já se consideram com um pé na vida adulta. (KEHL, 2004, p. 95).

Considerando esta relação entre as SPA e, segundo o senso comum, sobretudo jovens/adolescentes, Sarti lembra que

Um dos mais sérios temores de pais de adolescentes, transformado num fantasma familiar, esse problema social é 'satanizado', pela mesma lógica com que se 'sacralizam' os valores familiares, impedindo que sejam discutidos e revistos nas diferentes circunstâncias. Na tentativa de lidar com o problema da 'drogadição' e com os danos e conseqüências devastadores que pode acarretar, muita energia é mobilizada para livrar-se da 'droga' em si, desconsiderando os mecanismos não apenas psíquicos, mas também sociais e culturais, que levam o jovem a se relacionar com o mundo à sua volta de uma forma que fere sua autonomia e sua possibilidade de escolher. (SARTI, 2004b, p. 125, 126).

Para complementar esta proposta de compreensão da relação que jovens estabelecem com as SPA, cabe considerar que "A formação da identidade para os jovens é um processo penoso e complicado. As referências positivas escasseiam e se embaralham com as negativas." (SOARES, 2004, p. 137). E prossegue Luiz Eduardo Soares estabelecendo uma relação que ajuda a compreender o lugar da SPA neste momento de formação:

A construção de si é bem mais difícil

do que escolher uma roupa, ainda que a analogia não seja de todo má, uma vez que o interesse por uma camisa de marca, pelo tênis de marca, corresponde a um esforço para ser diferente e para ser igual, para ser *diferente-igual-aos outros*, isto é, igual àqueles que merecem a admiração das meninas (e da sociedade ou dos segmentos sociais que mais importam aos jovens – o que também varia, é claro). Roupas, posturas e imagens compõem uma linguagem simbólica inseparável de valores. (SOARES, 2004, p. 137).

Ainda mais, caso pare dúvida sobre a importância do social, para o jovem, "[...] ninguém cria sozinho ou escolhe para si uma identidade como se tirasse uma camisa do varal. [...] A identidade só existe no espelho, e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros." (SOARES, 2004, p. 137).

Ainda que os discursos presentes no senso comum pouco reflitam sobre os sentidos das drogas na vida dos jovens, os autores selecionados nesse artigo reconhecem que a questão é complexa e que seriam vários os fatores que se entrelaçam formando uma constelação de agentes que desencadeiam o consumo, a busca de drogas pelos jovens.

Conclusão

Como se observou e sublinham distintos autores, não é novidade recorrer às substâncias psicoativas. Como se indicou, tal prática foi amparada por saberes, como o religioso e o científico, na busca de outras dimensões sensoriais, formas de comunicação e libertação do real vivido, por um

real imaginado ou sugerido para além da razão.

Outras preocupações pedem reflexão no campo das ciências sociais, com o apoio de diversos conhecimentos e principalmente atentando para representações de diversos atores que de uma forma ou outra estão envolvidos com substâncias psicoativas: por que do seu uso em termos de compulsão hoje? por que a preocupação com as substâncias psicoativas hoje? quais os sentidos da construção social das "drogas" hoje, sua idealização como costume ou como saída, o seu enquadramento como a violência, o vício, a compulsão, a doença, e, para muitos, a fonte de todos os males?

Não se pretendeu aqui ter respostas acabadas, mas construir uma reflexão sobre possíveis pistas. Defende-se que não atentar para a complexidade do tema – a diversidade de situações e sentidos que diferentes sujeitos emprestam à sua experiência – é uma maneira de evitar análises que mais a fundo nos interroguem a todos, sobre as relações vividas em diferentes instituições e em qual estado da sociedade estamos. Culpendo "as drogas", omite-se a cumplicidade de muitos em relações micro e macro-organizadas que alimentam, em muitos casos, mal-estares, buscas existenciais, para alguns o cumprimento de exigências e parâmetros sociais, para outros recusas desses parâmetros, assim como para muitos outros apenas um tipo de comunicação com os outros e consigo, com eus que não conhecemos.

Para Minayo (1998, p. 40), a própria sociedade se "droga" com as "drogas", criando sua toxicomania, buscando escapar, sobretudo, de problemas socioestruturais e culturais

Como se observou e sublinham distintos autores, não é novidade recorrer às substâncias psicoativas. Como se indicou, tal prática foi amparada por saberes, como o religioso e o científico, na busca de outras dimensões sensoriais, formas de comunicação e libertação do real vivido, por um real imaginado ou sugerido para além da razão.



Pregar a eliminação das substâncias psicoativas da vida social é ingenuidade, se não fanatismo irreal. Trata-se de reduzir os danos, tanto das lícitas quanto das ilícitas. Querer proibi-los, seja pela repressão, seja pela condenação moralista, não surte efeito, pois as substâncias psicoativas fazem parte da vida, inclusive das suas dimensões de valor, como o prazer, o lazer, a busca de sensações novas, idealizadas e a promessa da sociedade de consumo de uma vida sem angústias que leva à obrigatoriedade de ser feliz ou tentar sê-lo, como seja.

mais profundos, assim como de angústias existenciais, como o desemprego, miséria, guerras internas e externas, conflitos geracionais, mudanças velozes na cultura, dentre outras questões.

Pregar a eliminação das substâncias psicoativas da vida social é ingenuidade, se não fanatismo irreal. Trata-se de reduzir os danos, tanto das lícitas quanto das ilícitas. Querer proibi-los, seja pela repressão, seja pela condenação moralista, não surte

efeito, pois as substâncias psicoativas fazem parte da vida, inclusive das suas dimensões de valor, como o prazer, o lazer, a busca de sensações novas, idealizadas e a promessa da sociedade de consumo de uma vida sem angústias que leva à obrigatoriedade de ser feliz ou tentar sê-lo, como seja.

As substâncias psicoativas não dão um sentido à vida, mas podem realçar o sentido que cada indivíduo consegue criar para si principalmente,

num momento de crise econômica e de sombrias perspectivas sociais em um país como o Brasil; cabe não esquecer isto, para não cair numa pregação repressiva cega e facilmente desumana. ❶

* **MARLENE BARRETO SANTOS MIRANDA**, mestre em Família na Sociedade Contemporânea, pesquisadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Juventude, Identidade, Cidadania e Cultura (NPEJI/CNPQ). Contato: marlenemiranda28@hotmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, M. (Org.). **Drogas e pós-modernidade: prazer, sofrimento, tabu**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Drogas nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

HOPENHAYN, M. **Droga y violencia: fantasmas de la nueva metrópoli latinoamericana**. Universidade de Pittsburg, 2002. No prelo.

JACOBINA, R. R.; NERY FILHO, A. **Conversando sobre Drogas**. Salvador: EDUFBA, 1999.

KEHL, M. R. A Juventude Como Sintoma da Cultura. In: NOVAES, R; VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

MILBY, J. B. **A dependência de drogas e seu tratamento**. São Paulo: Pioneira, 1988.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 14, n. 1, p. 35-42, 1998.

NERY FILHO, A. **Drogas: prevenção sem medos e terapia sem**

estigmas. Salvador: EdUFBA, 1993. No prelo.

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ATENÇÃO AO USO DE DROGAS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Consumo de Drogas Lícitas e Ilícitas por Estudantes de Primeiro e Segundo Grau de Escolas Públicas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, [1997?].

OLIVENSTEIN, C. **A vida do toxicômano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SARTI, C. A. Algumas Questões sobre Família e Políticas Sociais. In: JACQUET, C.; COSTA, L. F. (Org.) **Família em Mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

SOARES, L. E. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In NOVAES, R e VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e Participação**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

Referências consultadas

ESPINHEIRA, C. G. D. A. **O conhecimento das drogas e suas formas de uso**. Salvador: Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas, UFBA, 1993.

OLIVENSTEIN, C. **Conversando sobre drogas**. Salvador: EdUFBA, 1999.